

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? | LIBERDADE

18 de Julho de 2024

JADDEH KHAKI / 2021

ESTRADA FORA

um filme de PANAH PANAH

Realização, Argumento: Jafar Panahi *Consultor do argumento:* Nader Saïvar *agradecimentos a* Kasra Forouhi *Fotografia* (cor, 1.1,85): Amin Jafari Barnabás Hrgyi *Som* (Dolby digital): Reza Heidari *Mistura:* Zohreh Ali Akbari *Montagem:* Amin Jafari, AShkan Mehri *Música:* Peyman Yazdanian, *baseada num tema de Schubert* *Caracterização:* Iman Omidvari, Maryam Saligheh *Guarda-roupa:* Mahsa, Sara Khamisi *Cenografia:* Babak Djadjaï Tabrizi *Efeitos Visuais:* Mohammad Sanifar, Reza Noferesti *Interpretação:* Pentea Panahiha (Mãe), Mohammad Hassan Madjoooni (Pai), Amin Simiar (Irmão mais velho), Rayan Sarlak (Irmão mais pequeno), Bahram Ark, etc.

Produção: Irão, 2021 *Produtores:* Panah Panahi, Mastanej Mohajer *Cópia:* Midas Filmes, DCP, cor, versão original em persa com falas em inglês legendada em português, 93 minutos *Estreia:* 10 de Julho de 2021, no Festival Internacional de Cinema de Cannes (Quinzena dos Realizadores) *Estreia comercial em Portugal:* 21 de Julho de 2022 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

A sessão tem lugar na Esplanada

Obrigado, Meu Deus, por esta paisagem! Fica na cabeça, a fala de peito aberto da criança, uns seis enérgicos anos, ajoelhando-se na terra e beijando o chão pela primeira vez no filme, indiferente às caretas dos pais com quem viaja estrada fora. No jipe de boa cilindrada seguem ainda o irmão jovem adulto de semblante taciturno e a cadelita Jessy. O miúdo, puto, fedelho, fala-barato, um garoto que não é bom da cabeça, um diabrete adorável, como vão dizendo mãe e pai, sorrindo ou exasperando, é uma personagem tão rica como as demais três, embora não tão contraditória por curto tempo de vida. O pequeno actor que a interpreta é tão justo na pele da sua personagem como os demais três, reunidas num veículo móvel na paisagem iraniana semi-deserta que concentra aquela célula familiar, um microcosmos da sociedade iraniana dos anos 20 do século XXI, uma unidade orgânica de humanos caídos em desgraça e tocados de vida. É como diz o pai, um rezingão lacónico, quando um estranho lhe pergunta pela razão da perna engessada numa das paragens de estrada – “caí em desgraça, caí num poço.” É como a alegria traquinas do filho pequeno, que tudo contagia com uma desarmante capacidade de graça.

A da disponibilidade para olhar e sentir, a da possibilidade de uma boa piada, uma boa canção, uma boa história, uns passos de dança, as montanhas que estão perto, os pontos de luz de galáxias longínquas, o gesso que cobre uma perna partida adulta e se torna superfície desenhada e um piano, um saco-cama prateado que se torna fato de astronauta e tapete-voador e nave espacial. Tudo isto acontece literal ou figuradamente na primeira obra de Panah Panahi, em que confluem a tradição do cinema iraniano, na primeira pessoa de um filho e afilhado dos cineastas Jafar Panahi e Abbas Kiarostami que cresceu na proximidade do trabalho de ambos, testemunhando rodagens de filmes importantes da cinematografia dos anos 1980 e 90 iranianos, e a experiência geracional de um espectador de cinema marcado por *2001 Uma Odisseia no Espaço* de Stanley Kubrick. Na descrição do filho adulto de *Estrada Fora* em conversa a com a mãe, um filme fascinante, tipo zen. Um elogio à “Galáxia Via Láctea?” “No fim o herói fica sozinho,

a bordo da nave espacial. Entra num buraco negro, vai avançando e avançando e avançando. É só o que vemos durante meia hora, o herói atravessa os limites do espaço e do tempo.”

O relato de espectador de *2001* antecipa a cena em que o realismo de *Estrada Fora* se transfigura fantasista, uma incursão FC em modo de história infantil, na noite do monte em que famílias acampam despendendo-se dos seus viajantes à luz nocturna das estrelas, faróis e fogueiras no solo, pirilampos entre as duas dimensões. Nesse momento já o filho crescido está fora de campo. Em diante haverá outros balanços de registo, um voo planante da câmara sobre a terra ressequida sinalizando o abismo de nova despedida e um momento de luto, a quebra da convenção dramática da quarta parede quando o miúdo desata a cantar (em *playback*) olhando a câmara de frente na resolução da cena. Iraniano até ao tutano, de texto e subtexto, com crianças e automóveis e a concentração na simplicidade aparente de uma dada situação, o filme de Panah Panahi aponta ao mesmo tempo noutras direcções – uma outra paisagem iraniana, novas dinâmicas narrativas, referências cruzadas, a explicitação da situação clandestina, das circunstâncias e de um cinema nelas germinado, sequências compostas em campos e contracampos frontais que encontram nessa geometria uma raiz de frontalidade. Essa franqueza está estampada de não ditos, meias palavras, pequenas trifulhices, perseguições, disfarces, suspeições e até mentiras, como as que a família vai contando ao pequeno para ocultar a razão da viagem, que o filme vai progressivamente descobrindo, com a revelação das conversas dois a dois, dos estados de espírito daquela gente. “Linda educação que estamos a dar-lhe, mentiras e mais mentiras”, nota a dada altura a mãe. Podia estar a falar dos véus da sociedade em que vivem.

Ainda que a personagem do filho pequeno lembre as crianças de Chaplin, ainda que a espécie-de-fábula de *Estrada Fora* regresse à de um clássico como *Only Angels Have Wings* no sentido, não “só” da vida que continua (como num Kiarostami), mas no como continuá-la com a harmonia possível e na vertical. Numa cena célebre do filme de Hawks, Cary Grant come um bife. Aqui, abundando os exemplos, podemos notar as estaladinhas que a mãe dá na própria cara para conter as lágrimas, soltar a voz e cantar em vez de se fechar no sofrimento de ter deixado um filho junto à fronteira com a Turquia para uma passagem a salto. À distância de mais do que um continente, o filme de Panah Panahi partilha com o de Howard Hawks concentrar-se menos na dor, ou no luto, do que na reacção perante a dor, ou o luto. Ou de, como a Barranca de estúdio dos aviadores, o carro realista dos viajantes funcionar como o dito concentrado de humanos em perda. É aliás muito curioso, não obstante o natural tom de brincadeira, que as primeiras falas do filme tragam a morte à conversa: “Onde estamos? / Estamos mortos.”, pergunta a mãe antes adormecida no banco da frente para a resposta descontraída do filho que brinca ao-faz-de-conta das teclas de piano tocado na perna engessada do pai no banco de trás, conforme a serenata da banda sonora, que abre o filme num sossego misturado com os ruídos de trânsito rodoviário.

Há uma tensão surda no interior daquela cápsula, que leva algum tempo a declarar-se, uma tensão infiltrada de violência e delicadeza, um peculiar sentido cómico no trágico. Filme de estrada, retrato emocional, filme político, em que o drama corre com a comédia, os buracos negros das elipses engolem mágoas mas não trituram quem as vive, *Estrada Fora* também tem momentos de filme musical. Em *raccord* com a tristeza nublada do monte da despedida, o grito sorridente pela “Felicidade!” do filho pequeno desencadeia a cena cantada e dançada no jipe de tejadilho aberto, interrompida por novo supetão dramático de novo resgatado por uma canção (o *playback*) que arranca as personagens aos seus próprios destroços. A paisagem ocre das montanhas filmadas ao perto como silhuetas ampliadas de animais ou claras em castelo é esplêndida no princípio – *Obrigada, Meu Deus*. O final é árido, a paisagem desértica, o carro segue blindado com o núcleo familiar, reduzido mas nada desunido. O filme fica ao lado

das personagens que ficaram, quebradas como a paisagem. As canções falam de amor, separação, desânimo, exílio, corações partidos. A melodia é vibrante.

Maria João Madeira

PS: *Estrada Fora* de Panah Panahi é mostrado num double bill desfasado com *Ursos Não Há* de Jafar Panahi (projecção no dia 30 de Julho). O apelido traça a linha da família, mas o chão comum é a liberdade, como num eixo do programa de fundo revolucionário 1974-2024, “Que Farei Eu com Esta Espada?” Panah Panahi é filho de Jafar, o realizador iraniano que em 2010 foi condenado ao confinamento na própria casa ou em território nacional e à interdição de filmar e que desde então, num percurso de curvas e contra-curvas, se dedicou a curto-circuitar, filmando clandestinamente no Irão e fazendo chegar clandestinamente os seus filmes aos ecrãs internacionais dos festivais mais notáveis. Desde *Isto Não É Um Filme* (2011), chegado a Cannes sob a forma de ficheiro electrónico oculto num bolo de aniversário, e contemplando a vontade em permanecer no seu país a que Jafar se manteve fiel pelo menos até *Ursos Não Há* (2022). Em 2023, Jafar Panahi foi preso pelas autoridades iranianas depois de tê-las questionado acerca da prisão de dois cineastas conterrâneos, Mohammad Rasoulouf e Mostafa Al-Ahmad, por críticas à violência policial. Nessa altura, as mesmas autoridades consideraram efectivar a sentença de seis anos de prisão decretada em 2010 por propaganda contra o regime, embora o tenham libertado dias mais tarde, atendendo à pressão internacional. Pouco depois, Jafar Panahi viajou com a mulher para França, país onde vive a filha de ambos, saindo do Irão pela primeira vez em catorze anos.

Estrada Fora não teve distribuição alargada no Irão, considerando o realizador ter sido alvo de uma espécie de boicote. Para o argumento da sua primeira longa-metragem, Panah Panahi inspirou-se em relatos de fugas do Irão de conhecidos seus e pela partida súbita da sua irmã Solmaz na sequência de ameaças relacionadas com o activismo do pai de ambos. O entusiasmo da recepção do filme noutras partes do mundo fê-lo questionar se o que considerava “um trabalho muito pessoal e local” encontraria ecos além-fronteiras num mundo marcado por expressivas realidades migratórias, números imensos de migrantes, exilados, deslocados. As canções usadas no filme datam aparentemente de antes da Revolução Islâmica de 1979 e são interpretadas por cantores exilados cujas canções foram proibidas no Irão. Se *Estrada Fora*, o filme do filho Panahi, segue uma história de fuga rumo à liberdade, *Ursos Não Há*, o filme do pai Panahi, celebra a liberdade de filmar não obstante interdições e constrangimentos que não ceifam a vontade de fincar os pés na própria terra e de filmar os seus paradoxos. Numa entrevista a propósito do seu filme, Panah leu as personagens dos filhos pequeno e adulto de *Estrada Fora* como duas versões de si mesmo. No filme, são a inocência e alta-voltagem da infância ferida na idade adulta. (MJM)